

TRABALHOS DE PESQUISA

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE TRANSGÊNERO E AS IMPOSIÇÕES DA MATRIZ SOCIAL BINÁRIA E CISNORMATIVA

THE CONSTRUCTION OF TRANSGENDER IDENTITY AND THE IMPOSITIONS OF THE BINARY AND CISNORMATIVE SOCIAL MATRIX

LA CONSTRUCCIÓN DE LA IDENTIDAD TRANSGÉNERO Y LAS IMPOSICIONES DE LA MATRIZ SOCIAL BINARIA Y CISNORMATIVA

Bianka Andressa de Oliveira Medeiros¹  Álvaro Micael Duarte Fonseca²  José Antonio da Silva Júnior²  Antônia Nathalia Duarte Moraes³  Arthur Fernandes Sampaio⁴  Ellany Gurgel Cosme do Nascimento⁵ 

Resumo: A identidade de gênero é uma formação contínua influenciada pela cultura e pelas condições sociais, refletindo transformações e abordagens culturais. O objetivo do estudo é identificar os aspectos intrínsecos ligados ao processo de construção identitária da pessoa transgênero. A partir disso, configurou-se como pesquisa qualitativa, entrevistando 14 transgêneros, com idades entre 19 e 30 anos, residentes no município de Mossoró, Rio Grande do Norte. Utilizou-se de uma entrevista semiestruturada, composta por questionário sociodemográfico e perguntas direcionadas à (re)construção da identidade transgênero. Os dados coletados foram analisados a partir da técnica hermenêutico-dialética. Nos resultados, notou-se que o conceito de gênero é amplamente percebido como uma construção social pertencente a um sistema binário e cisnormativo. O processo de transexualização é descrito como um percurso de autorreconhecimento e apropriação das próprias vivências, em que as pressões e imposições sociais se tornam mais evidentes e regulatórias. Ademais, evidenciaram-se as perdas e privações enfrentadas pelas pessoas trans durante a transição identitária. A imposição social binária é constantemente reafirmada, resultando em sofrimento psíquico e perdas significativas durante o processo de transição identitária. A pressão para se encaixar nos padrões de gênero leva ao policiamento e vigilância dos corpos, perpetuando a violência e o controle social sobre a identidade de gênero.

Palavras-chave: Identidade; Socialização; Norma Social.

Abstract: Gender identity is a continuous formation influenced by culture and social conditions, reflecting transformations and cultural approaches. The aim of this study is to identify the intrinsic aspects related to the identity construction process of transgender individuals. Based on this, the research was designed as a qualitative study, interviewing 14 transgender individuals aged between 19 and 30 years, residing in the municipality of Mossoró, Rio Grande do Norte. A semi-structured interview was used, consisting of a sociodemographic questionnaire and questions focused on the (re)construction of transgender identity. The data collected were analyzed using the hermeneutic-dialectical technique. The results indicated that the concept of gender is widely perceived as a social construct belonging to a binary and cisnormative system. The process of transitioning is described as a journey of self-recognition and appropriation of one's own experiences, where social pressures and impositions become more evident and regulatory. Furthermore, losses and deprivations faced by transgender people during identity transition were highlighted. The binary social imposition is constantly reaffirmed, resulting in psychological distress and significant losses during the identity transition process. The pressure to conform to gender standards leads to the policing and surveillance of bodies, perpetuating violence and social control over gender identity.

Keywords: Identity; Socialization; Social norm.



¹Especialista em Atenção Básica/Saúde da Família e Comunidade na modalidade de Residência Multiprofissional pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil. psibiankamedeiros@gmail.com

²Mestre em Saúde e Sociedade pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil. alv.micael@gmail.com; antoniodasilva@alu.uern.br

³Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Brasil. nathaliaduartem@hotmail.com

⁴Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil. arthursampaio@hotmail.com

⁵Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, Brasil. ellanygurgel@uern.br

Resumen: La identidad de género es una formación continua influenciada por la cultura y las condiciones sociales, reflejando transformaciones y enfoques culturales. El objetivo del estudio es identificar los aspectos intrínsecos relacionados con el proceso de construcción identitaria de la persona transgénero. A partir de esto, se configuró como una investigación cualitativa, entrevistando a 14 personas transgénero, con edades entre 19 y 30 años, residentes en el municipio de Mossoró, Rio Grande do Norte. Se utilizó una entrevista semiestructurada, compuesta por un cuestionario sociodemográfico y preguntas dirigidas a la (re)construcción de la identidad transgénero. Los datos recopilados fueron analizados a partir de la técnica hermenéutica-dialéctica. En los resultados, se observó que el concepto de género es ampliamente percibido como una construcción social perteneciente a un sistema binario y cisnormativo. El proceso de transexualización se describe como un recorrido de autorreconocimiento y apropiación de las propias vivencias, en el que las presiones e imposiciones sociales se vuelven más evidentes y regulatorias. Además, se evidenciaron las pérdidas y privaciones enfrentadas por las personas trans durante la transición identitaria. La imposición social binaria se reafirma constantemente, resultando en sufrimiento psíquico y pérdidas significativas durante el proceso de transición identitaria. La presión para encajar en los estándares de género conduce al control y vigilancia de los cuerpos, perpetuando la violencia y el control social sobre la identidad de género.

Palabras clave: Identidad; Socialización; Norma social.

Introdução

A identidade desempenha um papel central na formação da personalidade humana, sendo desenvolvida de maneira multideterminada por aspectos biológicos, psicológicos e culturais. A identidade de gênero, um dos processos constitutivos dessa identidade, estabelece-se pela maneira como o indivíduo se percebe, de acordo com os padrões de gênero instituídos pelas normas sociais (Villaverde; Rozas, 2017).

O gênero é compreendido como relações socialmente instituídas com base nas diferenças biológicas entre corpos, em que tais divergências possibilitam o binarismo homem/mulher. Portanto, a discussão sobre gênero permite considerar não apenas o aspecto biológico, mas também os aspectos culturais, históricos e sociais. Dessa forma, o gênero se insere no contexto da cultura, práticas e modos de ser no mundo, não dependendo exclusivamente dos órgãos biológicos (Butler, 1990).

A identidade de gênero é compreendida como uma celebração móvel, sendo uma formação e transformação contínua em relação às maneiras pelas quais somos configurados e abordados pela cultura. Além desses atravessamentos culturais no delineamento de gênero, as condições sociais também influenciam a construção identitária dos sujeitos (McCann; Donohue; Brown, 2021).

Os corpos podem passar por modificações em relação às suas características de nascimento. Portanto, ao discutir gênero, não se pode limitar ao binarismo cisheteronormativo homem/mulher. Assim, existem os transgêneros, que são pessoas que não se identificam com a identidade de gênero que lhes é atribuída no nascimento, com base em seu sexo biológico. A transexualidade corresponde a uma experiência identitária estabelecida por conflitos ocasionados pelos padrões de gênero impostos (Cruz; Barreto; Dazzani, 2020).

Por outro lado, os cisgêneros são aqueles que se percebem social e psicologicamente com o gênero atribuído a eles desde seu nascimento, com base em seus órgãos genitais, atribuição feita ao sujeito pela sociedade à qual pertence. A cisgeneridade é, portanto, um posicionamento subjetivo defendido como saudável, natural e padrão. No entanto, conceituar a cisgeneridade permite deslocar a ideia de que essa é a única forma possível de expressão identitária, abrindo espaço para as identidades transgêneros (Hining; Toneli, 2023).

Na perspectiva cisheteronormativa, existe um padrão imposto nas formas de performance, vestimenta, comportamento e até mesmo em relacionamentos. O conceito de liberdade passa a ser questionável, entendendo que as regras e normas sociais são impostas de maneira semelhante ao determinismo biológico. Assim, a sociedade estabelece condutas rígidas sobre cada gênero, limitando a expressão individual e a diversidade de identidades (Foucault, 2005; Fuchs; Hining; Toneli, 2021).

Levando em consideração a importância dessas discussões, este estudo tem por objetivo identificar os aspectos intrínsecos ligados ao processo de construção identitária da pessoa transgénero. Busca-se compreender como as pessoas transgénero (re)constróem e afirmam suas identidades em um contexto social

que, muitas vezes, invalida, marginaliza e invisibiliza essas experiências.

Método

Este estudo é uma pesquisa exploratória e descritiva com abordagem qualitativa, caracterizada pelo seu foco na compreensão aprofundada de fenômenos sociais e culturais, permitindo uma análise detalhada e contextualizada das experiências e percepções dos participantes sobre esta temática (Minayo, 2014).

Participantes

Utilizou-se como critério de inclusão, pessoas transgênero, a partir de 18 anos de idade, que residiam na cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte (RN). Por conseguinte, foram excluídos da pesquisa os participantes com algum comprometimento cognitivo que incapacitasse o entendimento na entrevista, bem como participantes que desmarcassem a entrevista pela segunda vez. Frente a isso, participou dessa pesquisa um total de 14 pessoas residentes da cidade de Mossoró, Rio Grande do Norte.

Os primeiros participantes da pesquisa foram usuários da linha de cuidado à população LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero) vinculada a Residência Multiprofissional em Atenção Básica, Saúde da Família e Comunidade (UERN) em parceria com a Prefeitura do Municipal de Mossoró/RN.

Instrumento

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa focada nas experiências vividas por pessoas transgênero, o instrumento de coleta de dados consistiu em um roteiro de entrevista semiestruturado, composto por um questionário sociodemográfico (abordando idade, gênero, estado civil, escolaridade, trabalho e moradia) e sete perguntas abertas que exploravam aspectos gerais da (re)construção da identidade transgênero.

Procedimentos e análise de dados

Diante do contexto pandêmico da Covid-19, a coleta de dados foi realizada entre junho e agosto de 2020 por meio do *Google Meet* e vídeo-chamada do *WhatsApp*, utilizando-se do roteiro de entrevista construído pelos autores. As entrevistas realizadas tiveram duração média de 40 minutos cada. Utilizou-se da técnica de amostragem *snowball sampling* (bola de neve), possibilitando que cada entrevistado tivesse a oportunidade de indicar alguém de sua rede social a participar do estudo, baseando-se nos critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos.

Após realização das entrevistas, sucederam-se as transcrições e estudo dos dados obtidos. A técnica de análise utilizada, hermenêutico-dialética, permitiu a interpretação e codificação dos sentidos que os sujeitos externaram por meio de seus discursos, assim como viabilizou a compreensão das imposições sociais e binárias presentes nas falas dos sujeitos mediante contexto social, histórico e cultural (Cardoso; Batista-Dos-Santos; Alloufa, 2015).

Para garantir o anonimato, os participantes da pesquisa foram identificados por nomes de flores nordestinas, evidenciando simbolicamente a semelhança presente entre essa parte do país e o público estudado.

Considerações éticas

Destaca-se que a referida pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (CEP-UERN), CAAE N° 29262520.0.0000.5294, com parecer de N° 4.097.440, seguindo todas as recomendações da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

Foram produzidos registros a partir do uso de diário de campo, fotografias e prontuário eletrônico. As atividades relatadas a seguir foram desenvolvidas com base nas demandas identificadas em atendimentos

individuais e grupais, bem como nas orientações disponíveis nos documentos oficiais que normatizam o trabalho com famílias no PAIF. Foram voltadas para a educação emancipatória em sexualidade, fortalecimento de vínculos familiares e reflexões sobre a vida comunitária.

Resultados e discussões

Participaram desta pesquisa quatorze pessoas transgêneros, entre elas, duas mulheres transexuais, três travestis, oito homens transexuais, e uma pessoa não binária, com idades entre 19 e 30 anos. No tocante à escolaridade, dois concluíram ensino superior, nove cursam ensino superior ou técnico, duas possuem ensino médio incompleto, e uma concluiu o ensino médio (Quadro 1).

Quadro 1 - Perfil dos participantes do estudo

Identificação	Idade	Identidade de Gênero	Escolaridade/Profissão	Ocupação
Guarujá	30	Mulher trans	Ens. Médio Completo	Prostituição
Crisântemo	24	Homem trans	Psicólogo	Psicólogo Clínico
Muçambê	28	Homem trans	Zootecnista	Desempregado
Violeta	23	Mulher trans	Cursando Ens. Superior	Interpretação em libras
Sena	23	Homem trans	Cursando Ens. Superior	Bolsista de IC
Jericó	22	Homem trans	Cursando Ens. Superior	Telemarketing
Pinhão	20	Não binário	Cursando Ens. Superior	Terapeuta de CF
Calliandra	21	Travesti	Cursando Ens. Superior	Estagiária
Angico	20	Homem trans	Ens. Médio Incompleto	Garçom
Bromélia	24	Travesti	Cursando Ens. Superior	Bolsista de IC
Sabiá	26	Homem trans	Ens. Médio Incompleto	Desempregado
Mandacaru	20	Homem trans	Cursando Ens. Superior	Desempregado
Laelia	19	Travesti	Cursando Ens. Superior	Desempregada
Cacto	30	Homem trans	Cursando Ens. Técnico	Desempregado

Fonte: Autoria própria, 2024.

Nota: Ens.: Ensino; IC: Iniciação Científica; CF: Constelação Familiar. Os participantes da pesquisa foram identificados por nomes de flores nordestinas, para garantir o anonimato.

Performatividade de gênero e identidade trans

Os entendimentos que os participantes expressam, reafirmam que o conceito de gênero revela uma construção social, pertencente a um sistema binário e cisnormativo que regula e controla comportamentos, já que gênero diz respeito a um construto social e cultural com foco em diferenciar homens de mulheres, reproduzindo corpos de acordo com a linearidade sexo-gênero-sexualidade, moldando tais comportamentos de acordo com o que imaginam ser pertencentes aos homens e às mulheres (Reis, 2019).

A identidade de gênero é, de uma certa forma, uma construção social imposta pela sociedade, e que muitas das vezes têm pessoas que não se encaixam totalmente naqueles modelos que foram construídos obrigatoriamente, [...] é uma construção social muito forte que precisa de uma certa forma ser reavaliada (Angico).

Como é percebido pela narrativa destacada, têm-se a ideia de que o gênero não determina a identidade individual, mas que organiza, por meio do discurso e dos significados, os sentidos de feminilidade e masculinidade. Assim, o gênero não é unicamente imposto pela sociedade de maneira finalizada, pois os homens e as mulheres fazem o gênero, escolhendo opções comportamentais e ignorando outras, tornando algo essencialmente performativo (Silva; Bezerra; Queiroz, 2015).

Por isso, biologicamente falando, não se nasce homem ou mulher, esses são conceitos construídos socialmente por parâmetros vinculados ao órgão genital que moldam a identidade humana. Isso posto, as características associadas ao masculino e ao feminino são mutáveis, sendo influenciadas pela ordem social, religiosa e étnica, além de depender do contexto histórico, cultural e fase individual de cada sujeito (Silva; Bezerra; Queiroz, 2015).

Assim, o processo de transexualização, um percurso de autorreconhecimento e apropriação das próprias vivências, permite que, desde a infância, o sujeito experimente esse movimento da transexualidade. No entanto, considerando a cisgeneridade, o público infantil observa seus sentimentos e percepções de si mesmos relacionados à transexualidade como algo errado e necessitando de ajuste. Dessa forma, os grandes questionamentos tendem a surgir apenas na adolescência (Silva; Bueno, 2020).

Desde pequena eu me sentia muito menina. Eu brincava às vezes, eu me questionava. Me lembro que ficava olhando, teve a puberdade da minha irmã e eu via toda essa parte de modificações e eu ficava, às vezes, me perguntando por que eu não tinha essas modificações (Violeta). Desde criança eu já não me encaixava nos padrões de gênero que me foram atribuídos quando eu nasci [...] para mim, eu sempre soube, não teve nenhum momento que eu realmente olhei e descobri o que era uma pessoa trans. Mas assim que eu realmente disse: “nossa é isso!”, acho que foi lá para os 14, 13 anos (Mandacaru).

De acordo com as narrativas, o questionamento do padrão cisheteronormativo já estava presente desde a infância, contudo, é na adolescência que ocorre um aprofundamento na elaboração e percepção de si, pois é nesta fase que as crises subjetivas de identidade e as questões fisiológicas e hormonais do corpo se tornam mais evidentes. Além disso, é nessa fase que ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários, como o desenvolvimento significativo das mamas, genitais e pelos pubianos. Assim, a idade e seus desenvolvimentos surgem como fatores significativos para a compreensão do processo identitário (Lourenço; Queiroz, 2010).

É na adolescência que, muitas vezes, pessoas transgênero externam seus conflitos em relação às normas de gênero, sendo estabelecido sua subjetividade entre aquilo que está imposto como expectativa externa/social e as suas próprias convicções e gostos. Ademais, sabe-se que, com o acesso cotidiano à internet e suas possibilidades de informação e comunicação, a juventude transgênero tem percebido e nomeado suas identidades ainda mais cedo (Wittmann, 2019).

Cisnormatividade e controle social de gênero

Levando em consideração que a visão compulsória da cisgeneridade normatiza, sob uma perspectiva biológica e determinista, apenas duas formas de existência no mundo - masculino/macho e feminino/fêmea - e considera corpos que não se enquadram nessa regra como transgressores e anormais, o gênero é imposto e designado. Dessa forma, não se trata apenas de atribuir um órgão, mas de impor um estilo de vida. Esse estilo, além de não representar a todos, é padronizado e repercute negativamente na vida das pessoas em geral (Bento, 2017).

Quando você é uma pessoa trans, no caso masculino, as pessoas esperam que você passe por todo o processo, que você tome os hormônios, que você faça cirurgia, que você faça mastectomia. E, no começo, eu tinha muito medo disso, eu tinha receio de fazer algumas coisas e, ‘nossa, se eu não quero fazer isso, será que eu realmente sou?’ (Mandacaru).

Eu quero ter barba? ou é porque as pessoas só vão me levar a sério se eu tiver barba? Eu acho que você tem que parar muitas vezes para pensar nisso, peraí, eu quero essa coisa? Ou é porque as pessoas só vão me validar se eu for assim? (Muçambê).

Dessa maneira, tanto as pessoas cisgêneros quanto as pessoas transgêneros passam a “atuar” com as normativas sociais que definem um homem e uma mulher, já que, para se enquadrar em um desses gêneros, a pessoa precisa executar um conjunto de práticas relacionadas à performance, que possibilitará esse reconhecimento social (Bento, 2017).

A partir das falas dos participantes, percebe-se que as pessoas transexuais lutam pela liberdade de expressão e de existência, livres de estereótipos e padrões. No entanto, observa-se que a imposição social de viver em “caixinhas” é reafirmada quando, no processo de mudança, a meta quase sempre é se encaixar novamente em um padrão cisgênero. Diante disso, torna-se fundamental observar como essas imposições ocorrem e se mantêm na busca de manter o controle sobre a ótica social (Pontes; Silva, 2017).

Diante das práticas cotidianas das pessoas trans, há um constante policiamento social, visando a averiguar e apontar traços divergentes que manifestam a transição identitária (Butler, 2018; Cannone, 2020). Portanto, mais do que uma estratégia de segurança frente às possibilidades de violência, a passabilidade é uma exigência social, ou seja, uma tentativa de assegurar uma imagem estrutural de gênero conforme a matriz heteronormativa e cisgênero (Pontes; Silva, 2017). Nesse contexto de reflexão, Mandacaru justifica em sua

fala como os padrões sociais de gênero permanecem intrínsecos ao sujeito durante esse processo de mudança.

Porque eu nasci em uma sociedade assim, então é bem difícil [...] você pode ser o máximo desconstruído que for, você ainda vai tender a seguir o que a sociedade impõe, porque querendo ou não, eu vivi nela, eu vivo nela (Mandacaru).

Verifica-se que os papéis sociais de gênero têm poder sobre os corpos, ou seja, existem pressões sociais em manter a cisnormatividade, estando nítido que a principal importância é manter a ordem “natural” da performance feminina e masculina, mesmo que esses corpos sejam trans, afinal, é a isso que se propõe a patologização da transexualidade, manter o padrão cisheteronormativo (Favero, 2020).

Essa performance, estabelecida por meio dos papéis sociais, é uma característica e um comportamento entendidos como apropriados a um determinado gênero, instituídos pelas normas e valores sociais criados e (re)afirmados culturalmente, afetando a subjetividade e a construção identitária do ser humano (Cruz; Barreto; Dazzani, 2020).

Perdas e privações vivenciados na (re)construção identitária

Nesse sentido, notou-se que iniciar o processo de transição identitária acarreta inúmeras perdas e sofrimento psíquico para aqueles que vivenciam momentos de desconstrução dos padrões cisgêneros e precisam passar pelas mudanças aos olhos da sociedade. Esse coletivo passa a ser desassistido socialmente pelos direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988 como, por exemplo, o direito de ir e vir, trabalho, saúde e educação (Benassi; França; Colavite, 2021).

Eu sentia medo, sobretudo, dos privilégios que eu iria abrir mão, porque como eu fazia parte de um contexto universitário em que eu tinha que lidar com pessoas, eu tinha um emprego/estágio, eu tinha uma convivência, eu não podia me trancar em casa e só sair quando tivesse tudo pronto (Calliandra).

Mercado de trabalho, acesso à educação, tudo, tudo se envolve em relação à identidade mesmo, porque tudo é mais estreito para quem é trans exatamente por causa da identidade (Sena).

Negados a ter um lar, sujeitos à prostituição compulsória, trabalhos precários, *bullying*, agressões, preconceitos e humilhações em vários âmbitos, foram algumas das dificuldades e adversidades relatadas pelos entrevistados durante o processo de transição. Portanto, lidar apenas com dúvidas e questionamentos identitários já não é possível quando o controle social, apresentado de forma violenta, determina o destino dessas pessoas. Os autores Benassi, França e Colavite (2021) salientam que pessoas trans passam por adversidades, como exclusão social, falta de acesso a direitos civis básicos e de reconhecimento identitário, precisando lutar para garantir direitos fundamentais, como o de viver.

Inclusive, o coletivo trans são os que mais encontram dificuldades ao se buscar atendimentos nos serviços de saúde, não se restringindo aos cuidados especializados do processo transexualizador, mas em diversas outras situações de necessidade de cuidado em saúde, evidenciando a discriminação e violação de direitos alicerçada nesse preconceito (Menezes *et al.*, 2024).

Dessa forma, por vezes, o espaço social de aceitação e construção de identidade para essa população é nas ruas, com a prostituição; isto é, a comunidade trans consegue socializar e se legitimar nesses ambientes, o que não acontece facilmente noutros espaços sociais, restringindo e/ou impedindo o ingresso em empregos formais, discriminação e diversos preconceitos alicerçados (Câmara, 2021).

Porque não existe outro meio, o início de todas é na prostituição, então é lá onde muitas se transformam [...] colocam mega *hair* no cabelo [...] hoje eu não vivo da prostituição direta, eu vivo no meu ambiente mais externo do que interno, na rua, não vivo em rua, entendeu? (Guarujá).

Este ambiente do comércio informal é, ao mesmo tempo, espaço de negação e libertação, sendo fonte de sofrimento e discriminação, mas também lugar de pertencimento, realização e satisfação (Cruz; Barreto; Dazzani, 2020). Como é evidenciado pela participante supracitada, é neste lugar que acontece a transformação, sendo então, espaço que muitas trans e travestis formaram laços com seus pares, podendo falar e ouvir sobre experiências e maneiras de (re)existir.

Nesse seguimento, o espaço informal do trabalho como a prostituição, por exemplo, não é somente lugar de conquista de renda, mas de subjetivação, socialização e experiências. Assim, apesar da prostituição acomodar inúmeras histórias de vida diferentes, essas têm como fator similar, a exclusão e discriminação, somada a todos os preconceitos já firmados com a população trans (Câmara, 2021).

Nesse seguimento, depreendeu-se que não é incomum que pessoas transgêneros sejam impedidas de utilizar determinados espaços, isso porque a identidade trans foge do modelo cisnormativo de sexo-gênero imposto pelos padrões sociais de gênero. Tal prática configura-se, evidentemente, como violação de direitos, já que as pessoas trans passam a ser expostas a problemáticas de saúde física e emocional, como observado na narrativa:

Quando a gente entra em um banheiro masculino, sendo uma trans, os homens já começam a dizer logo, “não moça, você não é pra entrar aqui, aqui só tem homem” [...] uma das formas para mim ser demitida foi porque eu não aceitava usar o banheiro masculino (Guarujá). Eu passava um dia sem utilizar o banheiro. Obviamente por questões de medo, em uma performance feminina utilizar o banheiro masculino. E, posteriormente à faculdade, ia direto para o estágio, saía depois das 17:30 da tarde sem utilizar banheiro [...] então, era mais que 12 horas sem utilização do banheiro (Calliandra).

Diante da fala acima, reafirma-se a prática de inspeção de gênero até mesmo em espaço para realização de necessidades fisiológicas, em que as pessoas buscam perceber similaridades e ambiguidades em corpos, na busca de averiguar e garantir a ocupação de somente sujeitos heteronormativos, considerando qualquer outro que fuja da matriz binária, como menos humano e, conseqüentemente, sem direitos (Preciado, 2017).

Conclusão

O estudo destaca a complexidade e profundidade das experiências vividas pelas pessoas transgênero no contexto da cisnormatividade e das expectativas sociais impostas sobre o gênero. É evidente que a identidade de gênero é amplamente percebida como uma construção social, vinculada a um sistema binário e cisnormativo que busca regular e controlar comportamentos, impondo um padrão restritivo que muitas vezes não se adequa às experiências individuais.

A imposição social de viver sob a matriz binária é constantemente reafirmada, e a passabilidade se torna uma exigência para a aceitação social, lógica normativa que reforça variados estereótipos de gênero. Essa necessidade de conformidade com os padrões cisgêneros muitas vezes resulta em sofrimento psíquico e perdas significativas para as pessoas trans, durante seu processo de transição identitária. A pressão para se encaixar nos padrões sociais de gênero leva ao policiamento constante e à vigilância dos corpos, perpetuando a violência e o controle social sobre a identidade de gênero.

Logo, a desconstrução dos padrões binários e cisnormativos é essencial para garantir que todas as pessoas possam viver suas vidas plenamente, com acesso igualitário aos direitos e oportunidades. As vozes e experiências das pessoas trans devem ser ouvidas e valorizadas, e as políticas públicas precisam ser desenvolvidas para assegurar sua proteção e inclusão social efetiva.

Diante do exposto, é esperado que mais pesquisas científicas possam ser realizadas, a fim de pensar mais serviços voltados à população trans, novas políticas públicas, e ações afirmativas com foco em promover mudanças significativas sobre paradigmas sociais de gênero que oprimem, excluem e deslegitimam esse coletivo.

Referências

- BENASSI, M. L. D.; FRANÇA, F. F.; COLAVITE, A. P. Direitos fundamentais da população trans no Brasil: um estado da arte (2013-2019). *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 58, p. 25-39, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/5439>. Acesso em: 08 set. 2024.
- BENTO, B. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA, 2017.
- BUTLER, J. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- BUTLER, J. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- CÂMARA, A. B. P. “Cair na vida”: O espaço da prostituição como principal alternativa de renda para as mulheres transexuais e travestis. *Caderno Humanidades em Perspectivas*, v. 5, n. 10, p. 48-62, 2021. Disponível em: <https://www.cadernosuninter.com/index.php/humanidades/article/view/1401>. Acesso em: 09 set. 2024.

CANNONE, L. A. R. Historicizando a transexualidade em direção a uma psicologia comprometida. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 39, n. 3, p. 21-34, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/MgsxScRgNWtdkrmkptwDwBC/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2024.

CARDOSO, M. F.; BATISTA-DOS-SANTOS, A. C.; ALLOUFA, J. M. L. Sujeito, linguagem, ideologia, mundo: técnica hermenêutico-dialética para análise de dados qualitativos de estudos críticos em administração. *Revista de administração faces jornal*, v. 14, n. 2, p. 74-93, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1940/194039262006.pdf>. Acesso em: 21 set. 2024.

CRUZ, L. E. M. P.; BARRETO, M. L. S.; DAZZANI, M. V. M. Do gênero aos papéis sociais: a construção da identidade da pessoa transexual. *Interfaces científicas-educação*, v. 8, n. 2, p. 299-314, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/7905>. Acesso em: 23 set. 2024.

FAVERO, S. R. (Des)epistemologizar a clínica: o reconhecimento de uma ciência guiada pelo pensamento cisgênero. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica*, v. 5, n. 13, p. 403-418, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7272>. Acesso em: 23 set. 2024.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. 16 ed. São Paulo: Graal, 2005.

FUCHS, J. J. B.; HINING, A. P. S.; TONELI, M. J. F. Psicologia e cisonormatividade. *Psicologia & Sociedade*, v. 33, e220944, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/y44hgjVX9sLYBcxhjdwrP5g/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2024.

HINING, A. P. S.; TONELI, M. J. F. Cisgeneridade: um operador analítico no transfeminismo brasileiro. *Revista Estudos Feministas*, v. 31, n. 1, e83266, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/BtLpSzcvY7Bjx7t4nz6vSvC/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2024.

LOURENÇO, B.; QUEIROZ, L. B. Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. *Revista de Medicina*, v. 89, n. 2, p. 70-75, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/46276>. Acesso em: 07 out. 2024.

MCCANN, E.; DONOHUE, G.; BROWN, M. Experiences and Perceptions of Trans and Gender Non-Binary People Regarding Their Psychosocial Support Needs: A Systematic Review of the Qualitative Research Evidence. *International Journal Environmental Research and Public Health*, v. 18, n. 7, p. 3403, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/7/3403>. Acesso em: 21 out. 2024.

MENEZES, L. et al. Invisibilização e preconceitos velados: Barreiras para o acesso aos serviços de atenção básica pela população trans. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, v. 19, n. 46, p. 3961, 2024. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/3961>. Acesso em: 23 out. 2024.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

PONTES, J. C.; SILVA, C. G. Cisonormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. *Revista Periódicus*, v. 1, n. 8, p. 396-417, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23211>. Acesso em: 23 out. 2024.

PRECIADO, P. B. Basura y género. Mear/cagar, masculino/femenino. In: PRECIADO, P. B. (Ed.). *El museo apagado: pornografía, arquitectura, neoliberalismo y museos*. Buenos Aires: Malba, 2017. p. 1-3.

REIS, A. F. O processo de construção da identidade de gênero e transexualidade: narrativas, trânsitos e diferenças. *Interfaces da educação*, v. 10, n. 28, p. 93-116, 2019. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/2960>. Acesso em: 30 out. 2024.

SILVA, F. S.; BUENO, A. M. A trajetória de um sujeito transgênero no contexto universitário. *PERcursos Linguísticos*, v. 10, n. 25, p. 384-403, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/30369>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SILVA, R. G. L. B.; BEZERRA, W. C.; QUEIROZ, S. B. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. *Revista de Terapia Ocupacional da USP*, v. 26, n. 3, p. 364-372, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/88052>. Acesso em: 12 nov. 2024.

Recebido em: 29/12/2024

Aprovado em: 31/03/2025